

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria  
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo  
2022

moralidades  
**CONVERSAS**  
amoralidades  
**SOBRE**  
imoralidades  
**ÉTICA**

**8** andré luis pereira dos santos  
branca jurema ponce



## MÓDULO II

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

# moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

**8** andré luis pereira dos santos  
branca jurema ponce

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade.

A instituição escolar. As políticas educacionais.

Desafios e perspectivas.

## **SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL  
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL  
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES  
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula  
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini  
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro  
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE  
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa  
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio  
Magalhães

EQUIPE SESC  
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício  
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,  
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão  
Brésio

**MORALIDADES,  
AMORALIDADES,  
IMORALIDADES:**  
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL  
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS  
André Luiz dos Santos, Branca Jurema  
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara  
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato  
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo  
Antunes

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, André Luis Peneira dos  
Moralidades, amoralidades, imoralidades  
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 8 /  
André Luis Peneira dos Santos, Branca Jurema  
Ponce. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro de Pesquisa  
e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de  
Pergunta Consultoria e Assessoria, 2022.  
PDF.

ISBN 978-65-87592-08-4

1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia  
3. Imoralidade 4. Moral I. Ponce, Branca Jurema.  
II. Título.

22-108335

CDD-171.2

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor do Sesc São Paulo

# Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

## **Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.**

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

## **ESTRUTURA DO CICLO**

MORALIDADES,  
AMORALIDADES,  
IMORALIDADES:  
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,  
CURADORIA  
Fernando Rios  
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA  
Terezinha Azerêdo Rios

### **MÓDULO I TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS - DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?**

A ética começa quando  
entra em cena o outro.

**UMBERTO ECO**

Reflexão sobre a diversidade  
presente nas sociedades, no que diz  
respeito às construções morais, com  
o propósito de apresentar visões  
diferentes, não para confrontá-las,  
mas para apontar as contradições,  
os conflitos e as possibilidades de  
diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida  
e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.

**FERNANDO SAVATER**

### **ENCONTRO 1 / 10.06.2021**

Apresentação do módulo  
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO  
COMEÇOU NA GRÉCIA...?  
As morais dos povos antigos, a moral  
dos orientais, a moral africana, a  
moral pré-socrática.  
Convidado:  
Renato Janine Ribeiro

### **ENCONTRO 2 / 17.06.2021**

A MORAL É BRANCA? – TUDO  
COMEÇOU SEM MELANINA...?  
As morais negras, as morais  
indígenas...  
Convidado:  
Renato Nogueira

### **ENCONTRO 3 / 24.06.2021**

A MORAL É MASCULINA? – TUDO  
COMEÇOU COM ADÃO...?  
As morais femininas, LGBT, queen...  
Convidada:  
Halina Macedo Leal

**ENCONTRO 4 / 01.07.2021**

A MORAL É BURGUESA? – TUDO  
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,  
defenderemos a ideia de que, no  
campo da Ética, tudo começa – e  
segue – com todos!

**MÓDULO II.**

**ÉTICA, MORAL E COMPANHIA**

**– SABERES, PENSARES, SENTIRES.**

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se  
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

**VALTER HUGO MÃE**

Articulação entre a ética e os  
diversos campos do conhecimento  
e do agir social, refletindo sobre  
as suas fronteiras e as inúmeras  
pontes que podem ser construídas  
no sentido de ampliar os olhares e os  
pontos de vista.

**ENCONTRO 1 / 08.07.2021**

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,  
os métodos. As especificidades das  
ciências: exatas, biológicas, humanas.  
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

**ENCONTRO 2 / 15.07.2021**

**ÉTICA E RELIGIÕES**

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

**ENCONTRO 3 / 22.07.2021**

**ÉTICA E ARTES**

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

**ENCONTRO 4 / 29.07.2021**

**ÉTICA E EDUCAÇÃO**

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

**ENCONTRO 5 / 05.08.2021**

**ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.**

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.



# sabrina da paixão brésio

## Introdução

Bem-vindos e bem-vindas a mais um encontro do ciclo “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades - conversas sobre ética”, módulo dois. Agradecemos muito a presença de vocês nesta noite. Antecipamos a fala dos dois convidados que estão aqui conosco hoje.

Muito obrigada por estarem aqui e passo a palavra para Terezinha Azerêdo Rios, que vai apresentá-los, falar um pouquinho sobre o porquê dessa mesa especial com dois convidados e essas proposições que eles nos trazem. Desejo a vocês todos um ótimo debate.



## terezinha azerêdo rios

# A educação está presente na religião, na arte, na política, na economia

Muito boa noite para todo mundo, obrigada por estarem mais uma vez com a gente para darmos sequência às nossas conversas sobre moral e ética, neste Módulo 2 do Projeto, “Ética, moral e companhia, saberes, pensares, sentires”. Tivemos, em primeiro lugar, a presença do professor Christian Dunker abordando conosco a relação entre ética e ciências. A seguir, contamos com o rabino Nilton Bonder falando sobre ética e religiões. Na semana passada, recebemos a escritora Eliane Potiguara conversando a propósito de ética e artes.

Estou retomando exatamente para apontar o contexto para aqueles que não estiveram com a gente antes, que estão agora conosco aqui. Seguimos sempre fazendo uma articulação entre essa reflexão crítica sobre os valores, sobre a moralidade, que é a ética, e a interlocução que se faz dela com as diversas formas de conhecimento.

Pelo nosso cronograma, teríamos hoje a presença do professor Roberto Romano, que conversaria com a gente sobre ética, política e economia. Tínhamos tentado contato com o professor durante o mês todo e tínhamos estranhado o seu silêncio. Antes, tínhamos tido um breve contato com alguém que o representava e que nos disse que ele tinha um problema de saúde. Depois disso, não tivemos mais possibilidade de falar com ele. Preocupados com esse silêncio, julgamos conveniente fazer uma mudança, antecipando a conversa sobre ética e educação e esperando contar com o professor Romano no nosso último encontro. Mas o vírus frustrou os nossos planos, como vem frustrando tantos outros planos, outras expectativas, outros sonhos, outras vidas. Exatamente durante o nosso encontro na semana passada é que, tristemente, recebemos a notícia

do seu falecimento. Assim, a gente manteve a intenção de ter hoje a conversa sobre ética e educação e, no próximo encontro, vamos fazer o encerramento do nosso trabalho homenageando o professor Roberto Romano, trazendo algumas das ideias que ele compartilhou generosamente na sua brilhante trajetória, como intelectual, professor, pensador importante.

Há um poema de Wislawa Szymborska, escritora polonesa, que traz uma verdade que procuro sempre compartilhar nas ocasiões em que a gente tem a perda de pessoas queridas. Alguns aqui já ouviram, já receberam essa mensagem. A poeta diz:

*“Não existe vida que ainda que por um instante não seja imortal, a morte sempre chega com esse instante de atraso, em vão golpeia com a aldrava na porta invisível, o já vivido não se pode levar!”.*

“O já vivido não se pode levar.” É por isso que o professor Roberto Romano permanece conosco e vamos aguardá-lo para o próximo encontro.

Hoje trouxemos duas pessoas muito queridas, importantes, para conversar com a gente a propósito de ética e educação. A Sabrina já anunciou que eu precisaria justificar por que dois, quando até agora tem sido uma pessoa, um convidado. Quem me conhece sabe que, na hora de falar em educação, não é questão de privilégio, é questão de direito mais aberto e por isso a gente quis fazer uma conversa mais ampla. Até tínhamos pensado em uma conversa com mais gente. Ficamos com duas pessoas.

Branca Jurema Ponce e André Luis Santos vão pensar conosco. A educação estava presente lá na ciência, a educação estava presente lá na religião, na arte, na política, na economia. Mas o que que é esse gesto de educar? É só construir a humanidade! Só isso! Que tarefa!

Ninguém nasce humano, torna-se humano a partir de um processo educativo, de construção da cultura e de partilha e reconstrução dessa cultura. Usei uma paráfrase de Simone de Beauvoir, que nos diz: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Ninguém nasce humano, torna-se humano. Nascemos humanos, é claro, biologicamente.

Enchemos a boca para dizer que somos de uma espécie chamada sapiens, *homo sapiens*. Mas de homo sapiens a ser humano há um longo caminho. E esse caminho é percorrido por todos nós em um processo de educação. É por isso que Carlos Rodrigues Brandão, em um livro muito conhecido dos educadores, que se chama exatamente *O que é educação?*, na coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, há bastante tempo, começa o seu livro dizendo: “Ninguém escapa da educação”. É isso aí, ninguém escapa da educação. E é a propósito disso mesmo que André e Branca vão conversar conosco no entrecruzamento com essa reflexão que é a ética. Apresento já os dois, porque assim eles já têm logo a palavra e a conversa pode fluir.

André é doutorando em Cultura, Filosofia, História da Educação e mestre em Cultura e Educação pela Faculdade de Educação da USP. É especialista em ética e bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Também é músico e arte-educador. Trabalhou como formador na área de relações étnico-raciais na Secretaria Municipal de Edu-

cação de São Paulo e atualmente é diretor de escola e desenvolve pesquisas sobre corporeidade, vivências e musicalidades afrodiáspóricas. Vocês já estão percebendo como é que entra o André nesta nossa conversa. Na semana passada, Eliane Potiguara falou a propósito da arte, centrando mais na construção da cultura indígena. O André pode dar sequência à conversa, abordando essa perspectiva da arte que ele domina de um jeito tão bom. Sabe, André, gosto muito de uma coisa bonita que o Mia Couto disse: “A música é a língua materna de Deus”. É demais, não é? Quem sabe a gente aprende direitinho essa língua para falar sem sotaque, não é?

Branca, minha querida amiga e comadre, é Branca Jurema Ponce, graduada em Filosofia e Pedagogia, doutora em Educação pela PUC São Paulo, onde é professora titular no Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo. Também na PUC, foi vice-reitora no período de 2000 a 2004. É líder de pesquisa no Grupo de Estudos e Pesquisas em Justiça Curricular no CNPq. Atua na Rede Freiriana de Pesquisadores

e na Linha de Pesquisas Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares. Acho esquisitíssimo falar da Branquinha formalmente assim, porque o que eu devia falar é que ela é minha irmã, irmã escolhida, amiga há muitos anos, e as pessoas dirão: então você é suspeita para falar. Não sou, exatamente porque sei de Branca e é com muita alegria que a recebo, recebo o André e todos vocês para a gente conversar a propósito disso. Cada um terá 25, 30 minutos para falar e depois a gente vai seguir com as perguntas.

Na semana que vem eles continuarão conosco e a gente fará a articulação com os outros temas do ciclo. Tem a palavra você, André, e agradecemos muito desde já essa sua participação.



8

andré luis  
pereira  
dos  
santos

branca  
jurema  
ponce



Parecer justo ou ser justo?

Esse é o dilema que a gente carrega todos os dias para dentro das salas de aula. Esse é dilema que a gente carrega todos os dias em nossa vida. Parecer sermos bons educadores, parecer sermos justos, parecer nos importarmos com a educação das crianças... ou fazer isso de verdade? E o preço disso é danoso, o preço de ser justo é um peso pesado mesmo, porque todos os dias a gente tem que tomar decisões. E essas decisões vão influenciar as crianças, sobretudo as que estão do nosso lado o tempo todo.



O Brasil tem fartura de boas experiências de formação, de educação humanista, por incrível que isso possa parecer. Vocês podem me dizer, como assim? Então, por que a gente está na situação que está? Precisamos insistir no aprendizado aberto, na possibilidade de que podemos fazer história. No processo educativo formativo, é preciso também construir o gesto de ir ao encontro do diferente, acolhê-lo, juntar-se ao que não é igual a mim e é tão igual a mim! É preciso romper com a educação como mera apropriação de instrumental técnico, como receituário para a eficiência.



## andré luis pereira dos santos

Nas sociedades ancestrais, o sono é tão importante quanto a vigília.

Boa noite, Terezinha; boa noite, Branca; boa, noite Sabrina; boa noite a todas, boa noite a todos, boa noite a todes. É uma alegria inenarrável estar aqui esta noite; inenarrável, só posso dizer isso. Falar de educação é uma paixão que me acompanha há alguns bons anos, mas viver a educação e poder partilhar com as pessoas as nossas ideias é um privilégio para poucos, sobretudo nos tempos em que vivemos. Então, agradeço imensamente o convite. Espero estar à altura de vossas expectativas.

Meu nome é André. André é uma palavra que vem do grego e quer dizer “homem”, aquilo que é próprio do homem e, por extensão, quer dizer “coragem”. Não que coragem seja um atributo estritamente masculino... Na verdade, o termo se relaciona a esta desmedida do guerreiro. Aquele que se joga nas batalhas da vida. Mas o significado da palavra é este: coragem, forte,

viril. É o que a gente precisa para fazer educação neste país, sobretudo para fazer educação pública. Digo isso porque, na tradição guarani, teu nome é teu destino.

Queria começar pensando um pouco a partir das coisas que a gente tem discutido. Tive uma formação, vou usar o termo “branco-europeia”, só para diferenciar das outras discussões que a gente faz dentro das relações étnico-raciais e dentro da arte. Tive uma formação branco-europeia, com história da filosofia tradicional, e depois fui buscar outras formas de filosofia, filosofias africanas, filosofias orientais, filosofias indígenas. E aprendi muito, aprendi muito com as sociedades ancestrais, que me propiciaram uma viragem no olhar.

Uma das coisas mais interessantes que aprendi foi a partir dos acalantos. Descobri que o acalanto, aquele mesmo de ninar as crianças, é o início da jornada. Em quase todas

as histórias que têm a ver com ancestralidade, em algum momento, o herói, o protagonista, é acalantado de alguma forma, ou com uma canção, ou com abraço, ou com um colo. Porque esse acalanto é deixar-se devorar pelas entidades que guardam o sono, voltar simbolicamente para o útero materno e, a partir daí, renascer.

Contudo, mais do que falar, acho que é importante a gente cantar. Então, vou cantar um acalanto que fala disso. É um acalanto em suaíli, recolhido na Nigéria e a interpretação mais famosa que a gente tem dele é de uma cantora chamada Somi. Acredito que muitos não conheçam, porque a gente comete epistemicídios, mata o conhecimento do/e acerca do outro, mas depois a gente comenta sobre isso. Queria só pedir a escuta, está bom? Toda grande verdade dentro das sociedades místicas, dos monastérios, pressupõe o silêncio. Ele é muito importante, porque do silêncio, as verdades superiores aparecem, por-

que o silêncio propicia a escuta e a escuta propicia o encontro. Então, só peço a escuta neste momento.

*Kama ndoto yako imekusumbua*

*Kama inaogopa, kama imani yako imeondoka*

*Kama unaniita*

*Ukitaka unaweza kurudi ndani ya moyo yangu*

*Ulale malaika*

*Ulale mwana wangu*

*Ulale, ulale, ulale...*

*Se teus sonhos te perturbarem*

*Se ficares com medo*

*Se tua fé te deixar*

*Se chamares por mim*

*Podes retornar para as profundezas do meu coração*

*Podes retornar para as profundezas de meu útero*

*Dorme, dorme...<sup>1</sup>*

*Se os teus sonhos te perturbarem,*

*Se tiveres medo,*

1 Somi (cantora). "ULALE, MALAIKA, WANGU"

Cantiga de ninar em suaíli. Uganda, 2004.

Somi (cantora) - Ulale Malaika Wangu - Live in Groningen, Holland

<https://www.youtube.com/watch?v=OmpiHsJluH0>

SULTRY AFRICAN JAZZ SINGER SOMI LIVE PERFORMANCE@ THE LIFEHOUSE Lagos, Nigeria.

<https://www.youtube.com/watch?v=8W2o5yXPPXg>

*Se perderes a tua fé,  
Se chamares por mim, podes  
saltar para a profundidade do  
meu coração,  
Podes saltar para a profundidade  
do meu útero,  
Então dorme, meu anjo... dor-  
me, minha criança...  
Dorme, dorme, dorme.*

**SE NÃO HOVER CONHECIMENTO  
DO SER HUMANO, A ESCRITA É VAZIA.**

Obrigado pela escuta. Esse acalanto é muito querido para mim. Toquei ele aqui, neste djembê. O djembê é um tambor que tem origem no Mali, que tem formato de taça ou de um pilão. Daqui a pouco, falo um pouco dele. Aprendi com os africanos que, para a gente que é ocidental, a realidade é apenas aquilo que acontece quando estamos despertos, apenas aquilo que acontece quando estamos com a consciência ativa. Porém, dentro das sociedades ancestrais, o sonho é tão importante quanto a vigília, o sono e o sonho. O sonho faz parte da realidade e nele a verdade também acontece. Só que a gente esquece, às vezes, como dormir é assustador. Dormir é se entregar

a uma pequena morte, é aprender a morrer um pouco a cada dia. A gente esquece, mas as crianças lembram.

Sou diretor de uma escola de educação infantil. As crianças de quatro e cinco anos conhecem bem o sono. Não é todo mundo que tem a sabedoria do acalanto, a sabedoria do fazer adormecer. Por quê? Porque dormir é assustador... e as crianças sabem disso. É se entregar ao desconhecido, é se entregar à escuridão. O que é o acalanto, então? É um veículo da travessia, é um facilitador. Existem muitas entidades nas sociedades místicas, nas sociedades ancestrais, que são guardiãs do sono e do mundo dos sonhos. A gente precisa acalmar e afastar essas entidades e fazer essa travessia para que a criança adormeça. Tanto que a gente faz várias coisas. A gente faz assim com a criança, a gente vai entendendo os marulhos da água, o ventre, a gente traz de volta essa criança para dentro da mãe. Não tenho útero, não sei o que é isso. Então, peço licença para vocês, mulheres, para falar um pouco disso. Esse acalanto fala de um retorno simbólico ao útero, esse renascimento que acontece

todo dia, essa morte, ciclo de morte e renascimento necessário, esse descanso de que a gente precisa por causa das agruras do dia, das dores do dia, para poder acordar de um outro jeito.

As mães ancestrais são as que carregam esse caminho de transformação que acontece diuturnamente, que acontece todas as noites. Por que o acalanto então é tão importante nesse momento? Porque ele nos prepara para uma jornada maior. E falar de ética e educação, falar de ética e arte tem a ver com falar de si, porque aprendi com Tierno Bokar, que foi mestre de Amadou Hampâté-Bâ, um grande místico do islamismo do império do Mali. Ele dizia que as pessoas se interessam e dão muita importância para a escrita. E que na África a maioria das sociedades era ágrafa. Enquanto respondia a algumas perguntas, ele disse que, na verdade, a escrita não é o conhecimento. A escrita é uma fotografia do conhecimento e ela vale o que vale o homem: se não houver conhecimento do ser humano, a escrita vai ser vazia. Essa é a grande sacada.

## O QUE IMPORTA: PARECER JUSTO OU SER JUSTO?

Quando a gente vai pensar na ética da educação, a ética vale o que vale cada um. E eu me lembro de uma história lá do Platão, a alegoria do Anel de Giges. Giges era um homem que achou uma estátua dentro de um túmulo. Nessa estátua tinha um anel. Ele pegou o anel e percebeu que, quando virava o engaste do anel para baixo, ele desaparecia, ficava invisível e, ficando invisível, começou a ver todas as intrigas, todas as coisas que aconteciam no reino. Começou a usar isso em seu favor. Começou a ter muitos lucros, ganhar muito dinheiro, se transformou em um homem importante. Esse diálogo está no Livro 2 da *República* de Platão. No diálogo com Platão, Glauco pergunta se o importante é parecer justo, porque toda república é um tratado sobre a justiça (a Branca pode falar muito melhor disso do que eu), mas é só para a gente iniciar a conversa, o que importa? Parecer justo ou ser justo? Esse é o dilema que a gente carrega todos os dias para dentro das salas de aula. Esse é um dilema que

a gente carrega todos os dias em nossa vida. Parecer sermos bons educadores, parecer sermos justos, parecer nos importarmos com a educação das crianças... ou fazer isso de verdade? E o preço disso é danoso, o preço de ser justo é um peso pesado mesmo, porque todos os dias a gente tem que tomar decisões. E essas decisões vão influenciar as crianças, sobretudo as que estão do nosso lado o tempo todo. Isso me lembra uma outra canção, que está no canto dos escravos. Ela é assim:

*“Estava dormindo, cangoma me chamou, estava dormindo, cangoma me chamou; disse, levanta povo, cativoiro já acabou; disse, levanta povo, cativoiro já acabou; eu estava dormindo, cangoma me chamou, estava dormindo, cangoma me chamou; disse, levanta povo, cativoiro já acabou; disse, levanta povo, cativoiro já acabou”.*<sup>2</sup>

E o pior cativoiro que temos é nossa própria mente.

### **TRANSFORMAR A MENTE, BUSCAR OUTRO CAMINHO.**

Outro dia eu estava em uma *live* de escola e a minha cachorrinha, batizada Tayó – na verdade, a cachorra das crianças, batizada pela minha filha por conta de um livro chamado *O mundo do black power de Tayó*, da grande amiga Kiusam de Oliveira. A Tayó entrou no escritório durante a *live* e eu a peguei no colo. Pensei, vou assumir, a cachorra entrou aqui, vamos falar sobre ela. Mas uma coisa que eu tenho refletido bastante sobre ela é o seguinte: a gente abre o portão e ela não foge, ela fica aqui, ela está condicionada, por quê? A mente dela está aprisionada neste espaço e, para ela, aquilo é uma barreira psicológica que ela não consegue transpor; e, às vezes, as nossas mentes ficam aprisionadas

<sup>2</sup> Cangoma me chamou - Mawaca - DVD Pra todo canto

Este tema dos escravos brasileiros, imortalizado pela cantora Clementina de Jesus, é uma das faixas do DVD “Mawaca pra todo canto”, gravado no Sesc Pompeia em comemoração aos 10 anos do grupo.

O repertório explora sutis ligações entre cocos, cordéis nordestinos, cangomas africanas, horos búlgaros, cantos indígenas brasileiros, cantigas ibéricas e temas japoneses.

Cangoma ou vissungo eram cantos executados pelos escravizados nas minerações de Minas Gerais do século XVII, que mesclam palavras do português com o idioma africano. Cangoma significa também “festa dos tambores”. Fazer um cangoma quer dizer “vamos festejar”.

<https://www.youtube.com/watch?v=SRy7wwSjbl0>

nos espaços em que estamos. As grades não precisam ser físicas, às vezes as grades são invisíveis e criamos essas barreiras, criamos essas grades, criamos essas prisões e vivemos dentro delas, sobretudo no ambiente da escola, sobretudo se a gente não mudar o nosso foco. Se a gente não transformar a nossa mente e buscar outro caminho, a gente continua dentro dessas prisões, dentro dessas grades.

O cangoma, esse tambor, aqui no caso, me libertou muito. A minha vida de arte educador pode se dividir entre antes e depois dele; por quê? O djembê é um tambor feito inicialmente para ser tocado por mãos masculinas. A sociedade malinense não é uma sociedade machista. Temos muitas sociedades dentro da África em que temos casos de machismo. Mas o que acontece? O Mali é exatamente o contrário. Ele só pode ser tocado por mão masculinas, porque é um instrumento concebido por energias e simbologias femininas. Seu formato, como disse, lembra uma taça, o que reforça o símbolo.

Dentro da mística dos mestres da cultura mandê, que é a cultura do Império do Mali, só pode haver criação, qualquer tipo de criação ou engendramento, se houver um princípio masculino e um princípio feminino. Não estou falando de gênero, estou falando de princípios, um princípio masculino e um princípio feminino que unidos propiciam criações.

Por isso, um tambor que é feminino só pode ser tocado por mãos masculinas e se um tambor fosse masculino, ele só poderia ser tocado por mãos femininas e assim por diante. Hoje ele é tocado por todo o mundo. É muito significativo quando a gente vê o Ilú Obá de Min<sup>3</sup>, um bloco de mulheres negras que sai no carnaval de São Paulo, e que já tem algumas mulheres brancas, que tem um cortejo de djembês tocado por essas mulheres. Essa fileira de djembês é uma resignificação, é muito interessante a gente pensar nisso.

O djembê tem três partes:

- uma pele de cabra, pele que tem a ver com o uso integral

---

3 Ilú Obá de Min

<https://iluobademin.com.br/>

<https://iluobademin.com.br/institucional/quem-somos/>

do animal, é preciso ter respeito a ele; então, quando toco com minhas mãos, tenho que ter respeito, porque a vida desse animal exala desses tambores, desses toques;

- ele é feito de uma árvore, esse meu djembê, veio de Gana, uma árvore que foi colhida em solo africano; e as árvores são nossas mães ancestrais; das árvores, brotam as grandes reuniões, os grandes encontros dos baobás nos lugares da África, das muitas Áfricas que existem no continente africano. Por isso, não dá para a gente generalizar;
- e ele tem cordas, cordas que são muito interessantes, porque esse jeito de afinar é um jeito muito africano; aqui, as pessoas usam parafusos, e essa corda, ela lembra que eu tenho que ir e vir, desatar muitos nós.

Isso me lembra uma outra canção,

esta do Sérgio Pererê, que se chama “Costura da vida”<sup>4</sup>.

*Eu tentei compreender a costura da vida*

*Me enrolei, pois a linha era muito comprida, ô*

*Eu tentei compreender a costura da vida*

*Me enrolei, pois a linha era muito comprida*

*E como é que eu vou fazer para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Eu tentei compreender a costura da vida*

*Me enrolei, pois a linha era muito comprida, ô*

4 Costura da vida (Sérgio Pererê) - YouTube

[https://www.youtube.com/watch?v=NG\\_ErFvTn04](https://www.youtube.com/watch?v=NG_ErFvTn04)

Letra

[https://www.google.com/search?q=%E2%80%9CCostura+da+vida%E2%80%9D+S%C3%A9rgio+Perer%C3%AA%2C&rlz=1C1CHZN\\_pt-BRBR959BR959&oq=%E2%80%9CCostura+da+vida%E2%80%9D+S%C3%A9rgio+Perer%C3%AA%2C&aqs=chrome..69i57j0i22i30.19221j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=%E2%80%9CCostura+da+vida%E2%80%9D+S%C3%A9rgio+Perer%C3%AA%2C&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR959BR959&oq=%E2%80%9CCostura+da+vida%E2%80%9D+S%C3%A9rgio+Perer%C3%AA%2C&aqs=chrome..69i57j0i22i30.19221j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

*Eu tentei compreender a costura  
da vida*

*Me enrolei, pois a linha era  
muito comprida*

*E como é que eu vou fazer para  
desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Se na linha do céu sou estrela*

*Na linha da terra sou rei*

*Mas nas linhas das águas sou  
triste*

*Pelo fogo que um dia apaguei*

*Na linha do céu sou estrela*

*Na linha da terra sou rei*

*Mas na linha do fogo sou triste*

*Pelos mares que eu não nave-  
guei*

*Como é que eu vou fazer para  
desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Eu tentei compreender a costura  
da vida*

*Me enrolei, pois a linha era  
muito comprida, ô*

*Eu tentei compreender a costura  
da vida*

*Me enrolei, pois a linha era  
muito comprida*

*E como é que eu vou fazer para  
desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

*Mas como é que eu vou fazer  
para desenrolar*

*Para desenrolar*

**TAMBOR É UM VEÍCULO DE  
CONHECIMENTO, TRAVESSIA,  
COMUNICAÇÃO.**

Tem um ditado mineiro, que foi



eternizado pelo Autran Dourado, que é: “Só Deus conhece por inteiro o risco do bordado, a nós cabe conduzir a agulha e a linha”. Não importa se a gente acredita ou não em Deus, mas a imagem é bem bonita. Quando a gente pensa no risco do bordado, o todo está aí, o bastidor sustenta o tecido da vida, e a gente tem que conduzir a linha. Também tem essa coisa de o amor entrar no teu destino e não sabermos no que isso vai dar... e a gente vai desatando muitos nós.

Aprendi muitas coisas com meu tambor. Além daquelas partes, ele tem dois adinkras. Adinkras são símbolos da sabedoria de Gana que guardam conceitos ou aforismos. Os símbolos têm uma função decorativa, mas também representam objetos que guardam mensagens evocativas que transmitem a sabedoria tradicional, aspectos da vida ou do meio ambiente. Aqui, arte e escrita se conectam. Meu tambor tem dois símbolos da sabedoria acá, do povo asante, da região de Gana, Benin, Togo. Este adinkra é *adinkra hene*. Ele quer dizer liderança. E tem outro adinkra, que é *akoben*, que significa vigilância, prontidão. Temos que estar com prontidão,

vigilante para conseguir fazer essa costura da vida, atravessando esses rios, esses símbolos aquáticos, que tenho aqui, esse rio da vida, integrado com a natureza, porque não sou senhor da natureza, não estou nem acima nem abaixo, tenho que estar integrado com ela, olhando sempre para os meus ancestrais e respeitando os mais velhos.

Vocês imaginaram que tinha tudo isso neste tambor? Por que gosto de falar dele? Lembram que falei de epistemicídio? Porque se entro aqui e falo assim, “eu vou tocar um tambor”, a gente acha que o tambor é só um instrumento. Ele é muito mais. O tambor é um veículo de conhecimento, um veículo de travessia, um veículo de comunicação. E quando as pessoas tocam o tambor, aprendem de outras maneiras; quando ouvem e dançam ao som do tambor, colocam as suas filosofias com formas que a gente sequer imagina. Existem escritas na África que são escritas cromáticas; existem tecidos que são partituras de cantos sagrados. E a gente acha que não tem escrita. Então a gente comete um epistemicídio, comete um crime, mata a ciência do outro, mata o conhecimento do outro,

sem se dar, sem se abrir para isso. E ética tem a ver com isso. Não dá para fazer uma divisão, não dá para dissociar a pessoa daquilo que ela é, daquilo que ela conhece. E cada um carrega um tipo de conhecimento. E quando a gente se abre para olhar o conhecimento dessas pessoas, a gente se transforma e a gente cresce, a gente vive de outra maneira, a gente aprende de outras maneiras. Então, quando venho e toco o meu djembê ou toco o meu ukulelê, estou fazendo conhecimento também, estou fazendo conhecimento por um outro caminho, por um outro itinerário de formação. Essa questão das jornadas, a gente fala muita da jornada mítica do herói, que está lutando, que a gente vai passando por etapas na vida e a gente volta transformado. Isso é a simbologia diária de quem somos, a simbologia diária das nossas transformações.

Eu estava lendo hoje algumas coisas sobre Nietzsche e lembrei justamente disto: lá no início de Nietzsche, no nascimento da tragédia, ele vai falar que o canto potencializa a fala, eu sempre digo isso, o canto dá outra dimensão para a fala. É um pouco isso. Quando a gente

aprende que a arte, a música são outras formas de comunicação, comunicam outros estados de espírito, a gente entende que a nossa formação, enquanto educadora, educador, a nossa formação enquanto intelectual, ela pode se ampliar, desde que a gente trilhe novos caminhos. Acho que é mais ou menos isso. Depois a gente vai conversando, Terezinha.

## terezinha azerêdo rios

A educação como gesto  
contraditório, que quer manter e  
transformar.

Obrigada, André, por essa contribuição tão rica. Você foi falando da África e fui sentindo saudade de uma experiência muito bonita que tive em Moçambique, ali no início dos anos 2000, em um convênio, exatamente do Programa de Educação: Currículo da PUC de São Paulo com a Universidade Pedagógica de Maputo, capital de Moçambique. Lá, tive a possibilidade de aprender a leitura nos tecidos das capulanas, de poder aprender algo com a música também. Acho fundamental pensarmos isso. Quero marcar essa ideia de educações, no plural. A educação é esse gesto de partilha da cultura, contraditória, porque quer manter e ao mesmo tempo transforma, que se dá nos múltiplos espaços, que nos provoca quando se dá nesse espaço escolar, que é o seu, que é o de Branca, que tem sido o nosso.

Para seguir a conversa, quero que Branquinha nos traga a sua con-

tribuição para fazermos as articulações possíveis e entrarmos todos nessa roda. Vamos lá Jurema.

## branca jurema ponce

Como um país tão culto e educado criou a barbárie nazista?

Terezinha, querida, André, Sabrina, todo o mundo, os amigos queridos, filhas, meu companheiro, amigos aqui presentes, é um prazer imenso estar aqui. Terezinha falou que sou a irmã dela. Ela é que é minha irmã. Por escolha! Essa é uma parte muito boa do meu currículo: uma das coisas mais gostosas, mais doces, que tenho na minha vida, é essa relação com esse casal maravilhoso, Terezinha Rios e Fernando Rios. André, estou aqui vendo você adoçar o caminho, como te falei quando a Tê nos perguntou: quem começa? Eu disse logo, é o André, porque ele vai adoçar o caminho. Que beleza, André, que coisa maravilhosa. Você começou contando um pouco do seu nome. Sou uma pessoa extremamente interessada em arte, em música. Aliás, o meu nome, Branca, é o nome de uma valsa do Zequinha de Abreu. Foi por essa razão que ganhei esse nome. Minha família é muito mu-

sical. É muito gostoso ouvir música. Foi muito bom te ouvir. Sei que vou quebrar um pouquinho esse clima com as minhas reflexões, que são bastante ocidentais e racionais, ainda que a gente se coloque inteira nelas e viva cada uma com muita sensibilidade.

Vou começar falando um poema para fazer o link com o que vou expor. O poema é de Manuel Bandeira, é bastante conhecido e se chama O bicho:

*Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.*

*O bicho, meu Deus, era um homem.*

Quando falo em rompimento é porque vou por aí, com uma reflexão sobre educação, sobre o ser humano. Os homens e as mulheres são seres educáveis por natureza. Estamos todos aqui para conversar sobre ética e educação. Retomei um autor que estava aqui na minha estante há algum tempo e acho que na estante de muitos de vocês. Adorno, Theodor Adorno. Voltei a ele por conta exatamente dos seus textos sobre educação, produzidos logo após a Segunda Guerra Mundial, nos quais ele vai discorrer a partir da questão que coloca a si mesmo: que educação é necessária para nunca mais acontecer Auschwitz, para nunca mais ocorrer o que ocorreu durante o nazismo? Estou retomando o autor e o impacto que ele sofreu e que nós estamos sofrendo. O Brasil estaria vivendo um Auschwitz a céu aberto que foi se desenhando durante os anos 2020/2021? Temos assistido a mortes em massa, temos presenciado um enorme descaso com a vida humana. Retomei também a introdução da edição de 2020

dessa mesma obra, *Emancipação e Educação*. Há uma introdução do Wolfgang Leo Maar. Apesar do nome alemão, ele é um brasileiro colega nosso. A partir desse texto, cruzando com Adorno, vou fazer o primeiro momento da minha fala, que terá três momentos curtos. O primeiro está muito colado nessa ideia de que a educação precisa ser repensada para a gente evitar o que nos aconteceu e acontece neste país. Esta é a ideia: a educação não é necessariamente um fator de emancipação! E isso nos assusta. Ela não é, por si só, eticamente correta. É contraditória, pode ser utilizada como um instrumento que contraria a ética. E isso nos solicita, como educadores, a que não sejamos neutros, que saibamos exatamente como construir um movimento na direção da emancipação humana. Porque, de modo consciente ou não, podemos estar construindo um caminho que não desejamos, com vestes de neutralidade. O livro mencionado é composto de vários textos curtos. O Adorno teve uma preocupação muito inteligente, logo após a Segunda Guerra, de fazer pequenas falas pelo rádio, que se transformaram em textos. Esse

conjunto de reflexões tem um eixo central: ele tenciona construir uma forma de enfrentar a barbárie. Essa é a ideia forte. O que ele chama de barbárie é o que presenciou na Segunda Guerra Mundial. A indagação dele para ele mesmo é: “como é que um país tão culto e educado, como a Alemanha de Goethe, desembocou em uma barbárie nazista?” Essa é uma pergunta seríssima! Adorno vai construindo um raciocínio para dar respostas a essa questão, que não está ao longo dos textos de um modo concatenado.

**AUSCHWITZ NÃO É APENAS GENOCÍDIO, É A TRAGÉDIA DA FORMAÇÃO HUMANA.**

A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, como quis Kant. Ela não quer, não pensa em um aperfeiçoamento moral, não caminha necessariamente na direção da conscientização. E a ética, por sua vez, para não ser vazia, precisa se afirmar no plano social, nos fatos, na história. Se não for assim, ela estará se exercitando a partir de um subjetivismo normativo. A ética normativa é a forma como, no senso comum, ela

tem sido compreendida e usada no Brasil. Temos que avançar. Por exemplo, quando você diz: “meu filho, meu aluno, aquela criança é boazinha, é educada”, o que que você está dizendo? O que você está afirmando com isso? Primeiro, está dizendo que a criança está fazendo um caminho certo, que é isso que ela tem que ser, é assim que deve agir, porque ela está seguindo a norma. A ideia da normatividade, a ética normativa, é pobre, atua com “duas listinhas”, a do certo e a do errado: o que deve e o que não deve ser feito, o que pode e o que não pode ser feito.

Na “educação antiga”, e até hoje em algumas residências, infelizmente, nos deparamos com a ideia de punir a criança ou o adolescente que efetivamente não faz aquilo que está previsto na norma.

Mas voltando um pouquinho a Adorno: “que Auschwitz nunca se repita” é o que ele diz. E afirma que dificilmente haverá articulação mais contundente entre a educação e a ética do que dizer: “não queremos que Auschwitz se repita”. Quando dizemos essa frase estamos dizendo: a educação não é neutra, é preciso que eu estabeleça

um caminho, eu não quero este mundo, quero um mundo melhor, quero que certas coisas nunca mais aconteçam, quero seres humanos felizes, quero a possibilidade de uma sociedade humana feliz, uma sociedade onde se tenha liberdade, fraternidade, não quero gente no frio, não quero gente com fome, não quero desastres humanos. Auschwitz não representa apenas o genocídio, Auschwitz representa a tragédia da formação humana. Se a formação humana estivesse solidamente construída sobre a ética, Auschwitz não ocorreria. Não queremos ser perfeccionistas a ponto de dizer que possamos construir uma sociedade em que todos/as tenham clareza de quais são os melhores valores. Estou me referindo à capacidade de pensar, de refletir. À capacidade de se sentir irmão do semelhante e usar o conhecimento que temos para efetivamente aprofundar essa irmandade, aprofundar essa solidariedade.

### **É IMPOSSÍVEL UMA BOA FORMAÇÃO COM *FAST* FORMAÇÃO**

Suponho uma educação crítica, posicionada. Qual é o método? A

educação crítica tem um primeiro momento de negação. Como assim? Ela é negativa porque começa por negar o que eticamente é inadmissível, inaceitável. Começa por aí, negando algumas coisas para construir outras. Esta última ação coloca uma questão muito importante para o nosso momento: a construção exige tempos de mediação, de continuidade, e, portanto, se opõe ao imediatismo e à fragmentação, que é uma tônica em nossos tempos. A nossa sociedade é uma sociedade imediatista. E agora?

Não dá para formar rapidamente, não há *fast* formação, *fast* formação não existe. A formação é lenta, porque construindo devagar, com diálogo, superando fragmentações, ligando partes, construindo raciocínios, construindo sentimentos, construindo convivências, construindo fraternidade é que a gente pode exercitar uma educação crítica, diferente da que a gente muitas vezes vê. Educar criticamente é formar para uma vida solidária e digna. O Brasil tem fartura de boas experiências de formação, de educação humanista, por incrível que isso possa parecer. Vocês podem me

dizer, como assim? Então por que a gente está na situação que está? Precisamos insistir no aprendizado aberto, na possibilidade de que podemos fazer história. No processo educativo formativo, é preciso também construir o gesto de ir ao encontro do diferente, acolhê-lo, juntar-se ao que não é igual a mim e é tão igual a mim! É preciso romper com a educação como mera apropriação de instrumental técnico, como receituário para a eficiência.

#### **O QUE EU QUERO PARA MIM, PARA O ALUNO, PARA O MUNDO?**

Eu disse que faria a minha fala em três momentos. Passo ao momento dois. Falo sobre educação. A educação é ação, é prática social, é ato, é ato político, humano. Não o político no sentido da política partidária. É o político da pólis, aquele habitante da pólis que discute, dialoga sobre o seu mundo. O político é o cidadão da pólis grega. A pólis, para nós, pode ser o nosso bairro, o nosso país, a nossa terra, a Terra, o nosso mundão. Discuti-la é fundamental, discutir com profundidade, discutir com seriedade, discutir com carinho, discutir com

generosidade. Tão importante isso! A educação é também uma área de conhecimento, mais especificamente uma área científica. São vários os conhecimentos. Você pode ter o conhecimento artístico, conhecimento mítico, conhecimento do senso comum, conhecimento científico etc. Temos falado muito sobre ciência neste período de pandemia, mas, na maioria das vezes, entendendo-a somente a partir de um recorte positivista. Temos que ampliar a nossa concepção. A ciência é fundamental, não podemos abrir mão dela. Especialmente porque o sujeito maluco que está governando este país é um negacionista da ciência. Neste instante em que precisamos demais das várias ciências para preservar as nossas vidas, a vida humana, preservar a saúde física e mental de toda população, esse negacionista não tem dúvidas em negá-las. E, como papagaios, muitos brasileiros - que carecem de boa formação ou que têm interesses pessoais - foram construindo uma série de argumentos repetidos de forma ingênua ou maldosa. A ciência é necessária, assim como todas as outras formas de conhe-



cimento. A ciência “educação” necessita e convoca outras formas de conhecimento para se exercitar. Ela necessita fazer parceria com as artes, com outras ciências, com a mitologia, com a literatura, com a sociologia, história, geografia, filosofia etc. É preciso lançar mão de muitos conhecimentos para pensar e fazer o ato educativo.

Por que a educação precisa estar atenta? Porque a educação não é espontânea. Ela precisa ter clareza do seu objetivo. Sua meta é o futuro: estou formando alguém, um ser humano. O que quero ver/ter lá na frente? O que quero para ele? Para ela? Para mim? O que quero para o mundo? Por que educar? Para que educar? Em que direção?

Se você não gosta da geração do seu filho, você não gosta do seu filho! Quando você está educando, você está educando para o mundo, você está educando o conjunto.

A educação formativa não é espontânea, nem inclui atitudes ingênuas. Ela tem clareza de onde quer chegar. Na educação informal pode acontecer de ter espontaneidade. Mas, na formal, não.

Há muitas opções feitas pela humanidade para educar as suas crian-

ças, jovens, adultos. E essas opções foram se complexificando.

Conhecemos muito bem as opções de educar do mundo ocidental.

Seria interessante que nos dispuséssemos a conhecer outras formas.

O André hoje está nos trazendo essa possibilidade ao falar de alguns atos educativos africanos, afro-brasileiros.

A educação tem muitos formatos maravilhosos para formar suas crianças, seus jovens, seus adultos.

Na nossa sociedade ocidental, ela foi se complexificando, mas nem sempre se tornando mais humana.

Voltando à nossa educação formal, ela é complexa. Parte dos educadores que estão nas redes escolares não têm a clareza suficiente para compreender toda essa complexidade.

Atualmente, quando estamos avaliando um(a) aluno(a), estamos lidando com critérios de avaliação que estão muito distantes de nossas vidas, critérios internacionais, que vem lá do PISA, que é o sistema de avaliação europeu.

Em geral, não são todos os professores que têm clareza. A própria escola não tem clareza de que a educação, que antes tinha o seu currículo vinculado a objetivos nacionais, porque estava empenhada

na construção da nação por meio do seu currículo, hoje tem o seu currículo vinculado a critérios de avaliação internacionais emanados de um sistema econômico que se internacionalizou e tem o seu centro de decisões acima das nações. O grande poder econômico do planeta Terra está nas mãos de poucos que não são votados. Esses poucos são as pessoas mais ricas da Terra, que obviamente defendem os seus interesses e têm uma alta concentração de poder em suas mãos, incluindo a sua grande influência sobre os sistemas educacionais. Não saber e não entender essa engrenagem impedem a comunidade escolar de compreender as políticas educacionais.

### **SAÚDE E EDUCAÇÃO SÃO O SUSTENTÁCULO DE UM PAÍS**

O Brasil avançou muito. No início deste milênio, avançamos bastante na democratização da nossa educação. Mas falta muito chão. Temos hoje no currículo escolar a educação étnico-racial, a educação indígena; temos as cotas, temos uma série de avanços que podem ser perdidos neste momento de go-

verno totalitário. Estamos lutando, tentando garantir esses avanços. Não podemos voltar. No Brasil de hoje, lutamos contra o capitalismo financeiro internacionalizado que quer ter o comando em todas as direções e colocar as instituições – inclusive os sistemas educacionais – a seu serviço. Essa inserção indevida está ocorrendo dentro da escola pública, que vem perdendo o seu caráter público.

O processo de privatização da educação e da saúde é um grave problema para uma nação. Podemos privatizar muito setores, mas a saúde e a educação públicas são o sustentáculo de um país. Vejam o que estamos vivendo em relação à saúde dos brasileiros. Temos uma distribuição precária de vacinas que vem ocorrendo sem uma coordenação nacional. Saúde é a manutenção daquilo que se tem de mais básico: a vida humana, a vida dos habitantes do país. A educação tem essa mesma dimensão.

Não vamos afirmar que não possa haver educação privada. Pode, como uma opção a mais, como temos há muito tempo. Mas, a privatização das redes públicas por dentro dela, como vem acontecen-

do, pode colocar a soberania do país em risco. Não vou entrar nessa discussão, mas as redes públicas vêm se privatizando em um formato diferente. Compra-se um pacote de currículo, compra-se uma formação de professor, compra-se um sistema de tecnologia... e o estado vai se desresponsabilizando, passando as verbas públicas para os setores privados. Cada vez mais, o processo de privatização vem se aprofundando no interior das redes públicas. Não demora e o salário dos professores vai depender do mercado e não ocorrerão mais concursos públicos... Precisamos prestar muita atenção.

Passo agora ao meu momento três.

### **TRÊS GOLPES CONTRA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Antes, vou fazer um alinhavo. Não posso deixar de dizer e afirmar sempre que o Brasil é rico em experiências educacionais democráticas. Desde Anísio Teixeira, nos anos 1920, portanto há um século, temos realizado ótimas experiências democráticas na escola brasileira. Temos pensadores sensacionais: Anísio Teixeira, Paulo Freire, Dar-

cy Ribeiro, Florestan Fernandes e tantos outros. Temos muita gente boa que fez propostas brilhantes para a escola cumprir o seu papel de formar cidadãos e cidadãs conscientes. Vivemos práticas educativas que se organizaram à luz desses pensamentos, que deram certo e que, exatamente no momento em que começaram a dar frutos democráticos, foram abafadas.

Cito pelo menos três momentos históricos que são três golpes grandes contra o país e contra a educação.

Em 1937, aconteceu o primeiro.

Logo após a constituinte de 1934.

A proposta da escola integral nasce nesse momento, com Anísio Teixeira. A ideia da educação integral tem aí o seu nascimento no Brasil.

Um segundo momento de ruptura democrática se deu em 1964.

Vamos lembrar que Paulo Freire, em 1958, 1959, estava construindo e vivendo uma experiência de educação popular, com princípios democráticos. Fora da escola? Sim, fora da escola. Naquele momento, escolarização e educação popular ocorriam paralelamente. Paulo Freire fez uma experiência importante de alfabetização de adultos. Lembremos que, naquele momen-

to, o analfabeto não votava. Paulo Freire fez a sua experiência com o apoio do governo de João Goulart. Sua experiência mostrou como a alfabetização pode ser feita de modo eficiente, razoavelmente rápido, e pode ainda dar uma visão crítica de mundo aos seus sujeitos. Naquele momento, ele faz a famosa experiência em Angicos, no Rio Grande do Norte. Em um período de 40 dias, alfabetizou camponeses, que passaram a poder votar. Os poderes instituídos reagem. É um momento de lutas políticas. Tivemos um segundo golpe, em 1964, quando o país estava vivendo um avanço. Estou falando só da educação, mas o problema é muito mais amplo. Bastante amplo. Estou fazendo um recorte.

O terceiro momento de ruptura democrática vivemos há pouco tempo, com o golpe de 2016, que acabou pondo por terra vários avanços na educação brasileira. Um exemplo é que, 40 dias após esse golpe, um dos principais programas do governo federal - o “Mais Educação” – foi encerrado pelo governo Temer. Era um programa que promovia diálogo entre os municípios, os estados e o país como um todo;

tinha apostado na educação integral, recuperando Anísio Teixeira, recuperando Paulo Freire. Esse é um dentre os vários programas que vimos morrer.

### **A ESCOLA NOS PÕE NA VIDA EM SOCIEDADE, PROMOVE A DEMOCRACIA.**

Eu estou destacando a educação integral e passo agora então para o meu momento três, que é um momento para falar um pouco da educação formal. A escola é uma instituição escolhida pela humanidade para educar crianças, jovens e adultos. Ela tem uma cultura própria. Tinha uma cultura mais pública do que hoje em dia. Nela era, e ainda é possível, de certa forma, ter uma vivência pública.

Fiz escola pública, muitos de nós devem ter feito. Fiz escola pública rural, de 60 a 63. Foi uma formação muito interessante. Aquela escola não era inovadora, não era crítica, ao contrário. Tínhamos no currículo matérias como horticultura, por exemplo, aprendia-se a cuidar de horta. Cada sete crianças cuidavam de um canteiro, recebiam sementes, mudas etc. E a gente plantava,

a gente tinha regadores, enxadinha, tudo do tamanho da gente. Enxadinha, ancinho e, pasmem, apenas um dos alunos ganhava um chapéu. Era o líder, os outros não tinham, eram os comandados. A reprodução social era escandalosa, a reprodução da divisão da sociedade em diferentes classes sociais. Nada de trabalho coletivo, comunitário, nada disso. Apesar de tudo, foi uma experiência muito boa estar nessa escola. Quero, aqui, pegar a ideia de que a escola pública, mesmo com as suas mazelas, pode conseguir promover. Mesmo quando ela tem questões controversas.

A escola te põe na vida social, que é condição para a vida democrática. Os instrumentos democráticos estão postos na sociedade. Claro que, na vida familiar, você também pode aprender democracia. Mas a convivência no espaço público você começa a aprender na escola. É o primeiro lugar de convivência ampla para onde vamos.

A escola tem o seu embrião na Idade Média, mas acontece e vai tomando essa feição que tem hoje, com classes, sequência, avaliação, na passagem da Idade Moderna para a Contemporânea e, no Brasil,

só muito recentemente.

A escola brasileira teve, no início do século XX, o papel de ser mais um dos pilares da formação da ideia de nação brasileira. Isso aconteceu com Getúlio Vargas. A escola te fazia acreditar que você é brasileiro, que você tem que saber de cor o hino nacional, que você tem que se sentir pertencente a essa nação, que fala a mesma língua e tem a mesma cultura. Isso ocorreu de modo autoritário. Era a formação de uma nação. Hoje, como eu disse, há um deslocamento dos princípios que regem a educação. Não mais os nacionais, mas o mundo internacional, da globalização neoliberal. As questões locais perdem importância.

Quero seguir aqui dizendo o seguinte: aquela escola, apesar de todo o caráter não democrático, tinha traços republicanos. Não era democrática porque não acolhia a totalidade da população em idade escolar e nem acolhia da mesma forma os brasileirinhos e brasileiras. E o pior é que ficamos – nessa escola que um dia frequentamos – muito longe de enxergar as discriminações. Há um processo de naturalização da discriminação, das diferenças sociais.

Muito bem. Mas o que nos interessa é a escola de um tempo para cá, o nosso momento. Apesar de todo esse histórico, de um tempo para cá, a escola começa a ser invadida pelo mundo empresarial. Começa a ter traços empresariais. Até o vocabulário escolar muda. As palavras pedagógicas mudaram. Começa uma convivência da comunidade escolar dentro das salas de aula, nos corredores, na diretoria, nos pátios, pautada em uma mentalidade empresarial. Quero lembrar Marilena Chauí, quando ela diz: “não vamos confundir instituição com corporação”. Instituição tem história; a escola é uma instituição; instituição tem projetos sociais, políticos; instituição forma; corporação, não. Para a corporação, não importa a história, não importa esse conjunto de valores, ela demanda apenas planejamento e administração. Constata-se até no jeito de gerenciar, a forma como se administra uma corporação. Na maioria das faculdades de administração aprendem-se algumas formas de administrar, e aplica-se o que se aprendeu. As corporações, teoricamente, têm mais ou menos as mesmas características. As formas

de gestão encaixam-se.

Mas na instituição, não! Instituição você tem que ter um cuidado humano, as pessoas têm carreiras, têm história junto com a instituição. Ela cria cultura. Essa é uma grande diferença.

A escola tem vivido momentos difíceis há muito tempo, há uma crise produzida. Como disse Darcy Ribeiro, “A crise da escola brasileira não é crise. É projeto”. Um projeto que aponta uma direção contrária à que desejamos.

Desejamos uma escola cidadã.

Que cuide e forme! Mas ela é uma instituição que contém contradições. Hoje ela contém um ideário republicano que convive com uma mentalidade tecnocrata. Os gestores públicos, os dirigentes escolares, os educadores e todos/as os/as responsáveis pela formação das crianças, jovens e adultos, têm que saber discernir nas suas marcas o seu melhor e entender a escola inserida no seu contexto atual para atuar de modo a torná-la cada dia mais humana. Aí teremos aproximado mais a educação da ética.

Obrigada gente!

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

**A EDUCAÇÃO NÃO PODE  
CRIAR MONSTROS TREINADOS OU  
PSICOPATAS HÁBEIS**

Obrigada por essa contribuição rica que você traz, Jurema. Seria muito bom se a gente tivesse mesmo mais tempo para explorar melhor essas noções que vocês nos trazem. Só quero, para dar sequência, porque acho que todo o mundo está curioso para trazer as suas observações, pensar nessas ideias que vocês dois trazem dessa perspectiva de uma pluralidade de educações e de escolas. A ideia que quero guardar é que a educação é um jeito de construir o humano, mas não é necessariamente um jeito bom. Há humanidade e humanidades, há educação e educações, há escola e escolas. Acho que a provocação que nos traz a ética é exatamente: “Em qual escola? Em qual educação? Em qual formação humana é que a gente encontraria essa perspectiva da ética, que nos remete ao bem comum, que nos remete à construção de algo que é significativo para todos?”. Eu me lembro de algo, a Renée (Renée Barata Zicman) vai lembrar

também, o Marcos (Marcos Lorieri): algumas vezes, ao trabalhar a ideia de educação, a gente usou um bilhete que muita gente conhece, encontrado certa vez em uma escola e que dizia assim: “Prezado professor, sou sobrevivente de um campo de concentração, meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver: câmaras de gás construídas por engenheiros formados, crianças envenenadas por médicos diplomados, recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas, mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados em colégios e universidades. Assim, tenho a minha suspeita sobre a educação. Meu pedido é: ajude os seus alunos a tornarem-se humanos, seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas”.

Vamos ao Adorno: não mais Auschwitz! Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas. Acho que não tem essa história do mais humano. A gente é o humano que é, por isso mesmo é que a gente fica constrangido, às vezes, em mencio-

nar como humanos alguns sujeitos que parecem não ser. Eu digo que fulano é um monstro, eu digo que fulano é um animal. Olha lá o poema de Manuel Bandeira. É um ser humano no lixo. E a educação é construtora disso. É importante pensarmos isso. Não quero fazer perguntas agora, imediatamente. Gostaria de abrir para o pessoal que na certa está curioso. Vamos ver, Sabrina? Quem é já se candidatou a falar?

### **SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO**

Vamos ver. Aqui no *chat*, o pessoal não pôs perguntas ainda. Há um comentário da Cristiane (Cristiane Patrícia de Oliveira Carvalho). Ela disse que ficaria horas ouvindo os acalantos, o início de tudo, encantador e profundo. Faço minhas as suas palavras. Eu ficaria horas ouvindo o André, também, como ficava ouvindo no Lab Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação e Cultura da Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo), muitas saudades. O Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula) concordou também com a Branca, quando ela estava

falando. Deixem-me ver quem levantou a mão. Anaximandro, fique à vontade, pode abrir o microfone, colocar a sua pergunta.

### **ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA**

#### **SERIA A MISSÃO ÉTICA DA EDUCAÇÃO DESENNROLAR A LINHA DA VIDA?**

Primeiro, eu queria agradecer muito à Branca e ao André pela presença, por fazer este momento tão bom, a gente fica tão reconfortado ao ouvir essas reflexões. Eu queria ouvir um pouco você sobre o seguinte, é uma pergunta em que tentei unir um pouquinho da fala do André e da Branca: eu queria saber se vocês acham que seria a missão ética da educação desenrolar a linha da vida?

### **BRANCA JUREMA PONCE**

Eu estou aqui matutando ainda.

### **ANDRÉ LUIS SANTOS**

#### **EDUCAÇÃO: A CONEXÃO ENTRE FIOS DE UMA URDIDURA VITAL.**



Fico aqui, ainda estou com a fala da Branca ressoando aqui, muito bonita, muito racional, mas muito humana também. Foi muito poética em alguns momentos. Acho que é nisso que a gente acredita. Tenho tentado desconstruir essa racionalidade europeia para mostrar outras formas de racionalidade. O poeta moçambicano Mia Couto disse que esse conhecimento lunar que vai surgir, que tem surgido, e que é milenar, na verdade, é que pode ser entre aspas a “salvação”.

Então, essa linha da vida, acredito que a educação tem a ver com o tecido da vida, tecido feito de uma urdidura, com uma trama. A educação nos dá essa urdidura e a gente faz essa trama. O interessante é que cada fio leva um ponto e a conexão entre esses fios é que a gente pode chamar de educação. Então, essa complexa urdidura que é tecida junto, na verdade, é mais do que uma linha. São linhas infinitas que se encontram e se transformam nesse tornar-se humano. Acho que a Terezinha começou muito bem, com a frase da Simone de Beauvoir. Ela serve para todos nós, para todos, para as minorias (acho esse palavrão tão insuficiente). Educar

é viver, viver é educar, é tornar-se mulher, é tornar-se negro, é tornar-se humano. É essa construção que a gente faz a partir dessa complexa urdidura, essa trama que nos une.

## BRANCA JUREMA PONCE

### VIVER E EDUCAR É LIDAR COM UM EMARANHADO

Anaximandro, você fala em desenrolar a linha da vida. E quando a gente fala desenrolar, traz uma expectativa de que ela, a vida, em algum momento fique compreensível, palpável, passível de dominação, compreensão, entendimento. Será que isso é possível? Será que é possível para o ato educativo desenrolar essa linha?

Há alguns clássicos que vão falar da vida de um modo mais fundante, mas a compreensão sobre ela parte sempre de um dado momento histórico. Porque a vida não para. Você vai tentando entendê-la e vai vivendo. É quase como trocar o pneu com o carro andando. A escola, a cultura, a arte, as ciências, os conhecimentos míticos, os conhecimentos das várias comunidades etc., todos trazem elementos

fundamentais para a compreensão da vida. Você vai tentando entender e vai vivendo, vai fazendo o seu mosaico de conhecimentos que terá cores diferentes, formatos diferentes; e, com esse instrumento, que é o seu repertório para compreender e viver a vida, é que você vai lidar com o tal do emaranhado da linha da própria vida, que você quer desenrolar. E a cada vez, vai desenrolar só um pedacinho, e o resto continuará enrolado.

### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

#### MORRER É O CONTRÁRIO DE NASCER; VIVER NÃO TEM CONTRÁRIO.

Acho que é aquilo que o André tinha cantado: “Eu tentei compreender a costura da vida”. É isso aí. Há um livro bonito que se chama *As três vidas*, de João Tordo, um jovem português. Ele tem uma epígrafe que tenho repetido, porque acho superbonita. Ele vai buscar em um seriado norte-americano que se chama “Sete palmos”, que é a história de uma família que tem uma funerária. Mas o que interessa é o que traz o Tordo, que diz as-

sim: “As pessoas costumam falar em vida e morte; a morte não é o contrário da vida, mas do nascimento, a vida não tem contrário”. Não é ótimo isso, Anaximandro? Exatamente porque ela não tem contrário é que é preciso explorá-la e, quem sabe, desfiá-la mesmo do jeito que você está trazendo.

### SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

A Beatriz (Beatriz Pinheiro) escreve aqui: “Em um país tão grande, vocês acham que conseguiríamos escolher linhas básicas buscadas por todos?”

### BRANCA JUREMA PONCE

#### SERIAM ESSAS LINHAS BÁSICAS NOSSA UTOPIA?

Olha, Beatriz, linhas básicas buscadas por todos, não sei. Linhas podem ser caminho, podem ser percurso. Se for isso, acho que há linhas básicas que, de alguma forma, interessariam a todos e todas, no sentido mais amplo, todas, todos, todes etc. E a todos de todos os tipos de humanos, que é a busca da alegria, da felicidade, da saúde

etc. etc. São as nossas utopias. Por exemplo, quando você fala linhas básicas também me vem a ideia de uma formação básica necessária para todo mundo. Seria isso? Não sei exatamente se compreendi essas linhas básicas buscadas por todos. Então estou fazendo aqui uma reflexão em voz alta.

### ANDRÉ LUIS SANTOS

#### LIDAR COM A DIVERSIDADE É O GRANDE DESAFIO

Beatriz e Branca, acho que, como a gente conversava na semana passada, a nossa força é a diversidade. São muitas linhas básicas e muito diversas. Acho que aprender a lidar com a diversidade é o grande desafio que pode ser a saída para que a gente tenha uma sociedade mais democrática, uma sociedade mais justa. A gente viu, durante muito tempo, na história do país, uma tentativa de normatizações, de criar formas corretas de se ensinar, formas corretas de se educar. E isso acaba sendo muito complexo. Acho muito complicado, por exemplo, quando um intelectual, por mais intelectual que seja, quando São

Paulo escreve uma normativa de educação para o Brasil inteiro, nas suas maiores diversidades. Isso é muito, muito louco.

Tem um vídeo rodando nas redes sociais essa semana, do Porta dos Fundos, alguns de vocês já devem ter visto, intitulado “Sudestinos”. É fantástico. Fantástico porque inverte uma lógica. A gente cria uma entidade mítica do nordestino e acha que todo mundo é igual, tem o mesmo padrão. Quando a gente está falando de milhares de culturas dentro daqueles estados, então, quando jogam essa brincadeira para a gente, a gente é obrigado a repensar os preconceitos que a gente cria, que tem que, tentando criar, entre aspas, essas “linhas básicas” e como esses preconceitos acabam às vezes mais desunindo do que unindo.

### BEATRIZ PINHEIRO

#### SERÁ QUE A GENTE TEM QUE PASSAR O RUIM?

Fiquei pensando nessa questão de Auschwitz, “não mais Auschwitz”. A gente teria alguma coisa básica para todo mundo? O Brasil é tão grande,

cada lugar é de um jeito, não sei se a gente pode acreditar em algo assim. Acho superimportante isso que você falou, André, dos contrários, das coisas contraditórias, de fato, a gente aprende por aí, mas será que a gente tem que passar o ruim para depois passar o bom e cair de novo no ruim? Não sei.

### BRANCA JUREMA PONCE

#### É POSSÍVEL UMA UTOPIA COMUM A TODOS NÓS?

Quero falar uma coisinha. Agora entendi, Beatriz, agora entendi. Gostei da discussão também. Eu já tinha gostado daquele jeito, mas ficou melhor ainda. Olha só, é interessante isso, essas rupturas que a gente foi tendo. São rupturas de lutas, lutas políticas, econômicas, sociais – lutas, enfim. E o que você coloca é se a gente pode ter algo comum. Os pós-modernos resolveram na verdade brigar com o pensamento crítico no que diz respeito à utopia. A utopia é uma questão para eles. A gente falou muito na nossa juventude, ao longo da nossa vida, da necessidade da utopia. Eduardo Galeano, inclusive,

tem uma fala que é muito conhecida por todo mundo. Segundo ele, a utopia fica no horizonte e, para alcançá-la, você busca eternamente este horizonte. E é importante que você tenha esta utopia, porque ela não é algo que é só da sua cabeça, mas é concreta, na medida em que você coloca a utopia como negação do que não é desejável. Eu não quero isto, quero aquilo. Então, construo uma utopia e a pergunta é: “É possível uma utopia comum a todos nós?”

É essa a sua pergunta? Eu gostaria tanto de poder dizer sim, mas tenho dificuldades, porque a história do mundo é uma história de lutas de interesses. Se todos tivéssemos o interesse de uma vida mais humana para todos, mais íntegra, com mais felicidade, se pudéssemos viver bem, ter a “felicidadania”, a felicidadania que você criou, Tê. A ideia é linda. Essa é a utopia, chegar à felicidadania. Acho que teremos que continuar perseguindo a utopia. Ela nos move, ela serve para caminhar, como diz Galeano. Ela serve exatamente para isso, para você não parar, para você continuar a sua caminhada em direção ao melhor, em direção à negação do que está ruim.

Tenho outra questão. O que vocês acham de um provérbio africano, trazido pelo Ismael (Ismael de Oliveira), que diz: “É necessária uma aldeia inteira para educar uma criança”. Acho fantástico, maravilhoso, porque acredito na educação comunitária. Não consegui viver isso. A gente cria os filhos e os alunos em paredes, a escola tem paredes, a casa tem paredes e assim temos uma relação sempre “privada”, nunca pública. A utopia é uma aldeia inteira educando todas as crianças da aldeia inteira.

### ANDRÉ LUIS SANTOS

#### A ALDEIA TEM A VER COM VIVER JUNTO, SE INTERDEPENDER NO BOM SENTIDO.

Eu queria só colocar, isso é muito interessante. Porém, quando falo “pensamento africano”, estou fazendo uma generalização. A gente está falando de mais de mil povos, milhares e milhares de etnias, completamente diferentes. Mas isso, muito comum a muitos povos africanos, que é a educação comunitária, não no sentido freiriano só, mas no sentido de educação da vida

mesmo, há um “quê” de coletividade mesmo, no sentido de que eu sou responsável pela educação do seu filho, você é responsável pela educação do meu filho. É um projeto de sociedade que não precisa ser discutido. Ele acontece, por quê? Porque as pessoas vivem junto e viver junto é o grande desafio da contemporaneidade. As pessoas, nas sociedades ancestrais e tradicionais, vivem a ideia de que aldeia tem a ver com isso de viver junto, de se interdependem no bom sentido.

### ISMAEL DE OLIVEIRA

#### UMA AULA FORA DA SALA, FORA DA ESCOLA.

Sou de São Paulo, mas trabalho em Osasco, que é do ladinho de São Paulo. A escola onde trabalho é quase colada na estação de trem. Então, um dos projetos da gente era conhecer o centro de São Paulo. Falei para os colegas: já que a gente vai para São Paulo, vamos de trem, viver a realidade do cara que levanta cedo, que pega o trem, que pega o metrô. Foi uma aula para todos. Foi muito educativo. Uma aula fora da sala. Foi uma aula e um momen-

to educativo também, tudo que eles viram e conviveram naquele dia.

## BEATRIZ PINHEIRO

### OLHAR A CRIANÇA COMO UMA PESSOA

Posso dizer que vivi algo muito especial com as crianças no meu trabalho, no Arvoredo, uma escola que criei em maio de 1977. Era tudo feito dessa forma, era comunitário, tudo era decidido pelo grupo, através das artes. Tive a oportunidade de rever isso agora, que me pediram um capítulo, sobre cuidado e solidariedade no cotidiano do Arvoredo. Voltei aos primórdios, quando a gente abriu para crianças e fui lembrando de como a gente se preparava, como a gente via as crianças, como a gente estava junto. Porque naquela época, o pessoal não estava preocupado em olhar a criança como uma pessoa. Então, a gente ficava do mesmo tamanho, ajoelhava, sentava junto, era uma coisa supercomum e muito forte, quem passou pelo Arvoredo não esquece.

## TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Temos nosso testemunho com nossos filhos, Filipe e Evelina, no Arvoredo. Eu ia mesmo mencionar Beatriz e sua experiência. Acho que muitos aqui devem ter vivenciado coisas semelhantes, outras experiências, e será muito bom, ainda que hoje o nosso tempo esteja restrito, a gente seguir falando disso. Nossa ideia, quando criamos este ciclo, era exatamente de trazer a perspectiva da educação. Já que ninguém escapa da educação, já que todos nós temos essa relação e alguns até de maneira mais sistemática. É a hora de ampliar mesmo a conversa. Acho que as falas de André e de Branca, falas e cantares, nos ajudam a trazer essas experiências, como você traz a do Arvoredo. Uma das coisas bonitas que tenho do registro de Filipe no Arvoredo, foi um retorno de férias em que Márcia, irmã de Beatriz, que era uma das educadoras do grupo, disse a ele: “Poxa, Felipe, como você cresceu”. E ele respondeu: “Sabe, tia Márcia, acho que cresci mais foi por dentro”. Acredito que essas experiências é que nos fazem a ir adiante nessa

utopia, que não é o impossível, mas é o que *ainda* não existe. A utopia é exatamente isso: ainda não temos a escola de que necessitamos, ainda não; ainda não temos o país que merecemos, ainda não. Mas a gente chega lá. Sempre conto a história de Evelina, a minha filhota, quando era pequena e começou a namorar. A gente dizia: “Evelina, você está namorando fulano?”. E ela respondia: “Ainda não”. Menina presunçosa, diriam vocês; e eu retrucaria: menina esperançosa, utópica. Esses são os meus filhos.

### BRANCA JUREMA PONCE

Tê, o Marcos Lorieri está fazendo um sinal. Estou entendendo como um chamado. Vou responder: “Oi, Marcos”.

### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Marcos Lorieri também é educador de múltiplas experiências. A gente precisa de ouvir a voz dele também a propósito de suas trajetórias e dos caminhos por onde ele já andou.

### BRANCA JUREMA PONCE

Eu fui aluna do Marcos. Agora, somos colegas e amigos.

### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Mas vejam só, alguém mais tem a algo a dizer? Estamos com o nosso tempo caminhando para o final, mas ainda há um espacinho para quem quiser falar.

### MARCOS LORIERI

#### A SINGULARIDADE PAGA TRIBUTO À INTERSUBJETIVIDADE

Pois é, já que falaram de mim. Eu ia colocar um recadinho para a Branca. Foi muito bom revê-la, principalmente ver que o entusiasmo que ela tem pela educação continua vivo e aumentado cada vez mais, porque do jeito como ela falou, a gente fica até entusiasmado do lado de cá. Mas é uma pena que o tempo é tão curto, porque muita coisa poderia ser discutida nessa pergunta da Beatriz. Fiquei com uma comichão grande de querer falar. É claro que há coisas que são comuns, por exemplo, ideais co-

muns, manter a vida, respeitar a dignidade das pessoas, respeitar o direito de ser diferente. Isso tem que ser divulgado, batalhado. Essas coisas. E a educação é um caminho, complexidade.

Essa pergunta do Anaximandro foi muito boa, porque a vida não tem que desenrolar. A gente já nasce enrolado, enrolado no cordão umbilical, na hora que corta, a gente leva um susto, quase morre sufocado, tem que levar um tapinha para começar a respirar. E pegam a gente, dão um banho, enrolam nos cueiros (antigamente). Atualmente enrolam nos paninhos e depois enrola nos abraços, enrola para amamentar e vai enrolando, vai enrolando, vão enrolando a gente, enrolando, enrolando e por todo lado que a gente vai, a gente é enrolado, enrolado. Principalmente, os grandes enrolamentos afetuosos, esses é que são os importantes.

E o importante que a escola pode trazer, eu acho, pode ajudar a gente a procurar entender esses enrolamentos. A educação crítica de que fala o Adorno. Tenho que entender as amarras da vida e tirar aquelas que são prejudiciais sem perder os nós que nos ligam aos outros,

tornando-nos nós. Gosto dessa ideia da rede. Não haveria a rede se não houvesse nó, amarras. Mas são as redes que nos permitem sermos nós, porque os nós é que vão nos amarrando uns aos outros e nos tornando nós, como a ideia de Edgar Morin, que eu acho muito rica, a singularidade.

Ela paga tributos à intersubjetividade. Sem a intersubjetividade, sem o contato com os outros, as relações, as múltiplas relações, as múltiplas determinações, as singularidades não se constituem. Mas essas múltiplas relações não anulam as singularidades. Nenhum de nós é igual e todos somos iguais. Acho muito bonito e muito rico você educar para essa perspectiva. Acho que é um grande salto. A gente tem que aprender a fazer e está difícil para a humanidade aprender isso. Cada um gosta do seu cercadinho e fica defendendo e batendo um no outro que quer pisar na beiradinha do cercadinho. São considerações. Obrigado à Branca por se lembrar que foi a minha aluna, era boa aluna e o Ismael também.



## TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Beleza, Marcos! E olha, você lamentou que o tempo seja curto e é mesmo. Temos a necessidade de finalizar. Mas mantemos o nosso compromisso que é conversar, isso que é a coisa boa. Na semana que vem, finalizamos nossos encontros. Vamos prestar nossa homenagem a Roberto Romano e podemos, quem sabe, finalizar com os depoimentos de mais gente. Guardem as questões, as observações e não deixem de estar aqui com a gente. Muitíssimo obrigada a você, André, à Branca, que nos ajudaram a brilhar e a aqueceram essa noite fria de muitos de nós. Obrigada a todos e até a quinta-feira que vem<sup>1</sup>. Um beijo para todo mundo.

---

1 Para saber mais

Endereço para a tese de André Luis Pereira dos Santos

Quando o instante canta / Considerações mito-hermenêuticas sobre a canção e a educação

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10122015-111732/pt-br.php>

Endereço para tese e dissertação de Branca Jurema Ponce

O tempo na construção da docência

Os limites e possibilidades da aula como instrumento de transformação social: uma reflexão

Entrar em: [biblio.pucsp.br](http://biblio.pucsp.br)

No item Publicações PUC-SP, clicar em: Sapientia - Dissertações e Teses

Solicitar pelo nome: PONCE, BRANCA JUREMA